

**ESCOLARIZAÇÃO TARDIA DE HOMENS E MULHERES TRABALHADORES:  
RECONSTRUINDO TRAJETÓRIAS ESCOLARES E OCUPACIONAIS.**

CAMARGO, Maria Rosa R. M.- UNESP- Rio Claro  
MAZZA, Débora - UNESP- Rio Claro  
SALLES, Leila Maria Ferreira- UNESP- Rio Claro

## **1.Introdução**

Este conjunto de quarteirões largos e compridos situa-se numa das entradas principais da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. É um bairro que acolhe parte do parque industrial da cidade. Os quarteirões, na maioria das vezes, delimitam as fronteiras entre as empresas, fábricas, indústrias ali situadas. Não se vê nas ruas o movimento típico de um bairro residencial com crianças que brincam nos parques, jogando bola ou andando de bicicletas. O entorno é despovoado de infância e decorado com ônibus que transportam funcionários, caminhões carregados de mercadorias, guaritas com guardas e, às vezes, ouve-se o apito de uma das fábricas anunciando mudança de turno ou intervalo reservado para as refeições.

As construções são parecidas: são muros altos que contornam as propriedades tendo, na entrada, guaritas, guardas e grandes portões pelos quais passam carros de passeio, ônibus, caminhões, motos, bicicletas, que levam e trazem mercadorias e funcionários. Adentrando o portão, próximo à entrada, localizam-se as salas reservadas à administração e recursos humanos em geral: secretaria, diretoria, salas de reuniões, sala de capacitação de recursos humanos, copa-cozinha, sanitários masculino e feminino, espaço reservado para cafezinho, água filtrada e gelada, algumas mesas e cadeiras para conversas e encontros.

O grande pátio reservado para o estacionamento, descarregamento e carregamento de cargas e funcionários serve também como separador da ala administrativa e da ala produtiva das fábricas. A arquitetura da ala produtiva é usualmente composta por grandes barracões retangulares, com pés direitos de bem mais de 3 metros de altura, com telhados de duas águas. Neles, concentram-se todas as etapas que compõem o processo produtivo das fábricas, os sanitários utilizados pelos funcionários e o refeitório coletivo onde são servidas as refeições. Muitas dessas fábricas contam com uma cozinha industrial que prepara as refeições para os funcionários.

São fábricas que operam em diferentes ramos: torrefação de café, confecções de roupas masculina e feminina, transportadoras, fábrica de peças íntimas, fábrica de balas, etc.

A Fábrica de Balas faz parte deste complexo industrial e este texto refere-se a uma pesquisa, em andamento, com duas classes de alfabetização de adultos que atendem a funcionários semi-alfabetizados ou analfabetos. Alguns operam máquinas que confeccionam balas, outros trabalham em tarefas suporte tais como limpeza, cozinha, estoque. As turmas são compostas por 31 alunos que freqüentam as aulas, três vezes por semana, através de um convênio UNESP/CIESP/Prefeitura Municipal. Classes como essas foram implantadas em várias empresas da região que, preocupadas com o padrão internacional de qualidade exigido pela ISO<sup>1</sup>, optaram por investir na formação escolar de funcionários; estes, já acomodados ao processo produtivo e embora sejam mão de obra não escolarizada, são treinados para as tarefas existentes no interior da fábrica. À Universidade coube a assessoria pedagógica dos professores que desenvolvem ações e atividades de escolarização dos adultos nas referidas classes.

Os alunos das salas de aula são funcionários da firma que estudam fora do seu turno de trabalho e para tanto ganham vale transporte para que possam vir à empresa fora dos horários previstos para entrada e saída dos turnos. É uma oportunidade que exige empenho e sacrifício pois implica chegar antes do horário de trabalho ou ir embora mais tarde para casa.

As aulas de alfabetização funcionam das 7:30 às 9:30h para os funcionários que entram no turno das 13:00h, e das 13:30 às 15:30h para os funcionários que terminam o turno de trabalho às 13:00h. As dependências da empresa, reservadas para o funcionamento das salas de aulas, situam-se na ala administrativa. São duas salas amplas, iluminadas e adaptadas com lousas, carteiras individuais, armários com materiais pedagógicos, livros, cadernos e lápis.

Buscando conhecer esses alunos trabalhadores, 12 do sexo feminino e 19 do sexo masculino, que no ano de 1999, freqüentavam as classes de alfabetização, foi aplicado um questionário, respondido por todos os alunos, foram feitas entrevistas individuais com 20%

---

<sup>1</sup> International Organization for Standardization ( Organização Internacional para Normalização) uma ferramenta para avaliação constante e sistemática da manutenção da qualidade dos produtos produzidos pelas empresas.

deles, que se dispuseram como voluntários, e filmado um dia do trabalho pedagógico desenvolvido com as turmas. A variedade das técnicas de coletas de dados utilizadas visou ampliar o âmbito e os aspectos dos dados coletados, bem como garantir a preservação da imagem dos entrevistados e do espaço relacional da sala de aula.

Nos limites deste trabalho, destacaremos elementos trazidos pelo questionário e pelas entrevistas individuais, coletados nas duas classes de alfabetização da Fábrica de Balas.

Os dados obtidos pelo questionário tais como: idade, origem, procedência familiar, aspectos ligados à história escolar e ocupacional, etc, possibilitaram uma configuração preliminar das turmas.

Quanto às entrevistas, pautando-nos pelos apontamentos metodológicos da história oral que, segundo Queiroz (1994), buscam os dados singulares que encerram o elemento qualitativo, sem o qual os fenômenos sociais correm o risco de perderem sua particularidade, elaboramos um roteiro de entrevistas individuais, composto por questões semi-abertas, visando buscar elementos que permitissem reconstituir as trajetórias escolares e ocupacionais destes alunos- homens e mulheres- que no espaço de trabalho estão investindo tardiamente nos seus processos de escolarização.

A reconstituição destas trajetórias interessa-nos porque possibilita levantar os significados particulares que estes sujeitos atribuem às suas experiências de alfabetização tardia, suas relações com o ensino regular e com o mundo do trabalho. Buscamos, através dos relatos pessoais, compreender a especificidade de sentido atribuída por esses sujeitos à oportunidade de escolarização tardia, bem como rastrear as trajetórias pessoais e profissionais que os mantiveram na condição de semi-analfabetizados ou analfabetos, até o presente momento. Tentamos, pela história oral, alcançar a especificidade das trajetórias individuais, bem como buscar suas possíveis repetições, falhas ou rupturas.

## **2. Conhecendo Um Pouco Os Sujeitos**

### **2.1. Os Questionários**

### 2.1.1. As Mulheres:

Os dados do questionário respondido por todas as mulheres que freqüentavam as classes de alfabetização revelam que elas tinham idade que variavam entre 34 e 54 anos, e eram casadas (7), solteiras (2), divorciadas (2) e amigada (1). Somente as solteiras não tinham filhos. As demais tinham dois filhos (6), quatro filhos (2), três filhos (1) e um filho (1). As idades dos filhos variavam entre 9 e 26 anos.

Embora residam há bastante tempo na cidade de Rio Claro, de 11 a 28 anos, eram nascidas na região nordeste do país (Ceará, Bahia, Pernambuco) (7), na região sudeste (São Paulo e Paraná) (4), e na região centro-oeste (Mato Grosso do Sul) (1).

Os dados evidenciaram que as mulheres eram filhas de pais lavradores (7) e que os pais das outras cinco exerciam diferentes profissões: funcionário público (1), operário (1), encanador (1), ajudante geral (1) ou trabalhava na moagem da cana (1). As mães das alunas trabalhadoras exerciam as profissões de doméstica (7), babá (1), lavradora (1), costureira (1), ou trabalhava na venda (1). Somente uma aluna disse que sua mãe “cuidava da casa”.

Quanto à história escolar das famílias, as alunas trabalhadoras responderam que, com exceção de alguns pais (3), os demais (9) nunca freqüentaram a escola. Os pais que estudaram, ainda assim, não concluíram o antigo curso primário: estudaram até o 3º ano (2) ou até o 1º ano (1). Isto se verifica também entre as mães, considerando que muitas nunca estudaram (8), ou freqüentou somente o 1º ano (1), até o 2º ano (1) ou até o 4º ano escolar do antigo curso primário (1).

Várias alunas (7) relataram que começaram a trabalhar com a idade de 7 anos. Outra começou com 8 anos de idade. O trabalho para uma aluna se iniciou quando tinha 12 anos, outra aos 13 e outra aos 15 anos. Somente uma das mulheres iniciou-se no trabalho mais tardiamente, aos 24 anos de idade. Isto significa que a maioria dessas mulheres foi introduzida no mundo do trabalho na idade em que deveriam estar ingressando nos bancos escolares.

Quanto ao trabalho atual, na empresa, as mulheres ocupam o cargo de operadora de máquinas (7), ajudante de cozinha (2), meio oficial de cozinha (2) e cozinheira (1). Na época de sua admissão foram contratadas como ajudantes de cozinha (5), auxiliares de produção (5), ajudante geral (1) e faxineira (1). Observa-se que parece ter ocorrido uma certa ascensão

quanto aos postos de trabalho ocupados no decorrer do tempo. Segundo os dados do questionário a maioria das mulheres trabalha na firma há pelo menos sete anos.

As alunas responderam que trabalham entre 40 a 45 horas semanais e que seu salário atual é em torno de R\$ 400,00. Apenas duas alunas disseram que recebem mensalmente R\$550,00 e outra R\$ 600,00. O questionário revelou, ainda, que fazem regularmente horas extras, o que eleva a sua renda mensal. O trabalho dessas mulheres é incorporado na composição da renda familiar total que segundo dados de sete alunas é em torno de R\$1.000,00. Uma das alunas respondeu que a renda familiar é de aproximadamente R\$500,00, outra R\$600,00 e duas R\$2.000,00<sup>2</sup>. Em suas casas moram de uma a sete pessoas, sendo que na maioria moram três pessoas (6). Em cinco casas dessas mulheres a renda familiar é composta por todos os moradores da casa, todos trabalham.

Todas as mulheres moram em casas próprias e vão até o local de trabalho de ônibus embora, ocasionalmente, uma delas se utilize de carro próprio como meio de transporte.

Quanto à educação escolar, nove alunas já tinham anteriormente freqüentado escolas: duas aos 7 anos de idade, duas aos 8, duas aos 10, uma aos 11, e outra aos 12 anos. Isto indica que entre as alunas que tiveram acesso à educação escolar algumas já apresentavam uma história de escolarização tardia desde a infância. Segundo responderam as mulheres, o período de tempo que permaneceram na escola foi bastante reduzido: uma apenas 6 meses, três permaneceram 1 ano, duas, 2 anos, uma, 4 anos. Somente uma aluna freqüentou a escola por sete anos, dado este que precisa ser melhor apurado considerando sua permanência na condição de semi-alfabetizada e sua pertinência à classe de alfabetização.

### 2.1.2. Os Homens:

Os alunos trabalhadores tinham idades que, em geral, variavam entre 24 a 55 anos, sendo que um deles tinha 60 anos. A maioria era casada (13), outros eram solteiros (5) e/ou amigado (1). Em geral, tinham apenas um filho embora um aluno fosse pai de oito e outro de quatro. Seus filhos tinham idades que variavam entre 3 meses a 36 anos.

Eles moravam na cidade de Rio Claro há um certo tempo, em geral mais que 10 anos, mas eram, em sua maioria, nascidos fora do Estado de São Paulo. Eram procedentes

---

<sup>2</sup> Uma aluna não respondeu esta questão.

da região nordeste do país (Ceará, Alagoas e Bahia, Piauí) (12), e da região sudeste (Minas Gerais e Paraná) (4). Três alunos eram nascidos no Estado de São Paulo.

Seus pais (16) eram majoritariamente lavradores, o que aponta para a origem rural das famílias. Os pais de apenas três alunos apresentaram profissões com características mais urbanas: cabeleireiro, calceteiro e comerciante -“tinha bar”. Suas mães trabalhavam como lavradoras (7), domésticas (6), sapateira (1) ou então “cuidavam da casa” (5).

A maioria dos pais nunca foi à escola (14). Um pai de aluno tinha estudado até o 4º ano, dois até o 2º ano e outro até o 1º ano do antigo curso primário. Um aluno respondeu que tinha conhecimento que seu pai havia estudado mas não soube precisar até que série. Entre as mães, nunca freqüentaram escolas (11), tinham estudado até o 1º ano (2), até o 2º ano (3) e até o 4º ano (3). Nota-se, pois, que o nível de escolaridade dos pais e mães dos alunos trabalhadores era próximo ao dos pais e mães das alunas. Os dados também sugerem que a trajetória de vida dos pais desses sujeitos é marcada por dificuldades não apenas de permanência na escola, mas também de acesso, considerando que a maioria nunca frequentou a escola.

Os alunos iniciaram a sua vida como trabalhadores na época em que ainda eram crianças: com a idade de 7 anos (5), aos 8 (4), aos 9 (2), aos 10 (3), aos 11 (1), aos 12 (1), aos 13 (1) e aos 14 anos de idade (1). O trabalho, assim, ocorre cedo na vida destes homens e é, muitas vezes, coincidente com a faixa etária esperada para o início da escolarização, ou para estar freqüentando as séries do ensino fundamental, pois apenas um aluno contou que começou a trabalhar quando estava com 20 anos.

Atualmente, ocupam na fábrica os cargos de operadores de máquinas (15), e ajudantes de produção (4), embora tenham sido inicialmente contratados como auxiliares de produção (8), ajudantes de produção (7), operador de máquina (1) ajudante geral (1), faxineiro (1) e zelador (1). Segundo os depoimentos parece ter ocorrido, para alguns deles uma certa ascensão quanto aos postos de trabalho ocupados. Em geral, os alunos relatam que são funcionários da empresa há vários anos. Com exceção de um trabalhador que disse que sua contratação é relativamente recente, um ano, os demais são funcionários da empresa há pelo menos cinco anos.

Em geral, não considerando as horas extras, que implicam em mais horas de trabalho aos finais de semana, os alunos trabalham 45 horas semanais. Seu salário mensal é em torno de R\$ 450, 00. No entanto, três deles declararam receber mensalmente R\$ 600,00. O seu trabalho ajuda a compor a renda familiar total que, segundo eles, está na faixa de R\$ 700,00 a 1000, 00, embora seis informem que esta renda é de aproximadamente R\$ 450,00, o que aponta que sua família vive com o salário que eles recebem. Isto pode ser verificado também quando se observa o número de trabalhadores entre os moradores da casa que varia de duas a uma pessoa. Moram em suas casas, de uma a sete pessoas, sendo que nas casas da maioria residem três pessoas (8) e quatro (5).

Os alunos moram em casas próprias (12), cedidas (4) ou alugadas (3). Vão ao trabalho de ônibus. Às vezes, um deles utiliza bicicleta como meio de transporte.

Com exceção de três alunos, os demais (16) chegaram a frequentar escolas, mas o fizeram por pouco tempo: 5 meses (1), 6 meses (2), 1 ano (3), 2 anos (2), 4 anos (2), e 5 anos (3). Foram à escola aos 7 anos de idade (4), aos 9 (2), aos 10 (2), aos 11 (1), aos 13 (2), aos 14 (1) e aos 15 anos (1)<sup>3</sup>.

Dos alunos trabalhadores estudados, a curta permanência na escola e a idade mais avançada quando frequentaram-na, podem ser indicativos das dificuldades que estes homens e mulheres tiveram em permanecer na escola, mesmo que tenham tido, em certo momento, acesso a ela.

## **2.2. As Entrevistas**

As entrevistas foram realizadas no local de trabalho e durante o período em que os alunos- funcionários se encontravam em aula. A professora avisou-os previamente da necessidade que os professores da Universidade sentiam em documentar a experiência, tendo em vista a continuidade e o aprimoramento do projeto, e solicitou voluntários que estivessem dispostos a colaborar concedendo entrevistas individuais. Os alunos voluntários vieram curiosos e tensos, preocupados com o que iríamos perguntar, quanto tempo deveriam falar, o que deveriam responder...

---

<sup>3</sup> Os demais ou não responderam esta questão ou disseram que não se lembravam

A análise das entrevistas, individuais, apontou elementos que vêm nos permitindo a reconstituição de trajetórias pessoais e profissionais desses sujeitos, e os significados que atribuem à experiência de escolarização tardia, em situação de trabalho.

Buscando reconstituir as trajetórias de vida abrimos espaço para a fala dos sujeitos, relacionando-a às narrativas tal como se refere Benjamin (s/d), como uma forma artesanal de comunicação, que num certo sentido, falam por si.

*"Meus empregos anteriores sempre foram mais pesados dos que eu faço hoje...sempre fiz serviço mais duro...vim do sítio já trabalhei dois anos na área da construção civil, como ajudante de pedreiro, pintor, fiz de tudo um pouco...já fui guarda na portaria de um prédio três anos. Vim de Fortaleza porque minha irmã me convidou pra trabalhar na Fábrica de Balas. Aqui estou até hoje, faz dez anos. Faço balas, pirulitos, digamos que tudo que fizer aqui eu sei fazer porque o tempo que eu já tenho deu uma boa experiência" (Raimundo).*

As trajetórias ocupacionais, tal como na fala de Raimundo, apontam para as atividades menos qualificadas ou completamente desqualificadas existentes no interior do sistema capitalista: roceiros, faxineiros, auxiliares de pedreiros, empregadas domésticas, lavradores.

Quanto às trajetórias de vida, estas estão penetradas pelas necessidades de trabalho; os entrevistados trabalharam, todos eles, desde a mais tenra idade, como possibilidade de garantir a sobrevivência da família. As trajetórias de vida apontam que a expectativa familiar voltava-se para a necessidade de inserção precoce desses sujeitos no mundo do trabalho; a escola era apenas um apêndice, existia, mas era acessório. Antes, tinha que trabalhar.

*"Nós morava no interior do Ceará... no sítio nós tinha que trabalhar. Tinha dia que dava para ir para a escola, tinha dia que não dava porque chegava tarde do roçado. Nós ia para roça todo dia cedo, nosso pai levava, a gente saía cedo e chegava quatro e meia, cinco horas da tarde, então tinha dia que não agüentava ir para a escola. Aí o tempo foi passando, eu casei com 16 anos e vim embora para cá... cheguei aqui desempregada depois trabalhei quatro anos de doméstica, saí porque uma colega arrumou na escola, fiquei dois anos e pouco lá.. Depois trabalhei no Restaurante Resin terminou o contrato e eles mandou nós embora. Voltei pro Ceará fiquei dois anos e poucos. Voltei para cá fiquei dezessete dias desempregada e comecei na Fábrica de Balas, aqui estou há oito anos.*

*Hoje sou meio oficial, ajudante de cozinha, limpo o chão, lavo panela, faço arroz e feijão e ajudo no serviço das meninas" (Raimunda).*

O tempo vai passando, do trabalho para casa, da casa para o casamento, de uma cidade para outra cidade, de um estado para outro estado. Da escola distancia-se pelo

trabalho e se aproxima por causa do emprego que uma colega arruma. Chega a ficar dois anos e pouco como trabalhadora da escola mas continua sem estudar.

A educação para muitos tipos de trabalho, na roça, por exemplo, ancora-se nos processos primários de socialização familiar e adia os saberes escolares.

*“ Eu comecei a trabalhar na roça quando tinha uns 10 anos e trabalhei até 50 anos, depois em 1988 cheguei aqui, meu primeiro serviço foi na construção da Brastemp, era ajudante, servente, fazia de tudo: massa, ferragem...trabalhei uns quatro meses...depois fui trabalhar nas obras da Usina , a gente fazia aquela massa do asfalto, trabalhava na esteira, então a gente escolhia aquelas pedras muito grandes, era muito ruim, um pó preto... trabalhei um ano e dois meses. Aí faltou serviço e eles mandaram nós embora...*

*Aí fiz ficha aqui na Fábrica de Balas, meu menino já trabalhava aqui. Eu entrei dia 20/05/91 e estou até hoje. Trabalho na máquina de fazer drops, faço caixinhas com 10 drops, com 21 drops e esta semana estamos fazendo uma caixinha pequena pra colocar 12 drops”. (Joventino).*

Quanto às trajetórias escolares, estas também estão penetradas pelo trabalho. A escola aparece como pouco importante, não valorizada. Ir à escola era secundário. Os estudos davam-se de modo descontínuo, fragmentado, até mesmo interdito, às vezes, escondido.

*“Eu sou do norte da Bahia, fui nascida e criada na roça naquele caso que os pais não deixavam as filhas estudar, estudar era pros filhos homem...*

*As colegas da minha irmã mais velha vinham da escola e traziam para ela pedacinhos de papel, iam pra minha casa, pra debaixo dos pés de árvore e estudavam escondido do meu pai. Elas escondiam no meio do mato, porque se meu pai visse ele brigava. Depois a mãe da gente falava muito, o pessoal dava conselho, aí meu pai colocou minha irmã mais velha na escola...*

*Meu padrinho Dinho ia lá em casa de tarde e fazia as letras tudo no chão, com as mãos ele limpava o chão e mandava eu fazer o abecedário no chão. Ele ficava, falava e eu falava assim certinho o abc. Aí ele falou pro meu pai colocar a gente na escola porque eu fazia o abc no chão tudo certinho.*

*Depois eu fui pra escola já com quinze anos. Fui na escola de dia, aí começou o trabalho e não deixou a gente ir. Só que era assim não estudava direto de um ano pro outro, quando era tempo de safra, de plantar, de colher, uns três, quatro meses não ia pra escola, só quando acabava a colheita guardava tudo e começava a ir pra escola, logo já era férias.*

*A gente em uma semana ia dois dias na escola porque tinha que trabalhar. Num mês a gente não ia nem quinze dias, ia uns oito dias, então a gente não aprendia nada. A gente esperou crescer para estudar melhor. Aí a gente entrou na escola de noite quando eu aprendi um pouquinho. Trabalhava de dia e estudava de noite. Aí foi que a gente aprendeu esse pouquinho que ainda serve até hoje. Foi à noite e quando meu pai não ligava mais muito da gente estudar” (Joana).*

Os depoimentos revelam que os investimentos educativos da família eram muito mais voltados para a solução de problemas ligados à subsistência, diga-se trabalho como corolário da condição de vida, do que à exigência escolar. Por outro lado, constata-se que a leitura e a escrita apoiam-se em aprendizados pré ou extra

escolares ligados à descoberta pela criança de problemas que pertencem à compreensão da ordem do mundo e passam pela mediação de outras pessoas – avó, padrinho, madrasta, irmã mais velha- antes da professora. Chama a atenção, no depoimento de Joana, que o aprendizado da leitura e da escrita, também pode estar em algum lugar, fora da escola, o que abre perspectivas para outras pesquisas.

*“Lá no interior do Ceará não tinha escola. Nós ia para a carta de abc. Carta de abc era um livrinho que tinha tudo os abc, a gente estudava tudo, decorava tudo para depois começar a formar as letras e palavras... Nós estudamos a carta do abc com a minha avó... depois nós foi para a professora já sabendo e conhecendo as letras” (Raimunda).*

A escola da infância, reconstituída pelo trabalho da memória, através das narrativas dos sujeitos pesquisados, parece guardar pouca similaridade com a escola atual, variando a organização das séries, algumas vezes o livro é o marcador das mesmas: mudava de livro, mudava de série, não fazia provas, e a escola era na casa da professora, que também cuidava da casa enquanto ensinava. Outra instância a ser pensada na relação escola-trabalho.

*“Eu morava em Minas Gerais, pertinho de Monte Azul, pra lá de Montes Claros. Na roça tinha escola só que ninguém fazia prova, a gente estudava no livro. Tinha o primeiro, segundo terceiro e quarto, conforme ia adiantando mudava de livro. A escola era na casa da professora, tinha uma sala que ela colocava as cadeiras e estudava...tinha hora que perdia muito tempo porque ela deixava os alunos tudo ali e ia cuidar do serviço da casa, então fazia bagunça. As vezes demorava até meia hora pra voltar porque ela ia fazer o almoço. Tinha semana que tinha dois dias de aula, outra três dias... Aí eu parei de estudar porque comecei o serviço lá perto de casa, era apertado, o pai da gente só deixava ir pra escola depois que acabasse o serviço, Mas se tivesse muito serviço, ia trabalhar, não deixava ir pra escola...(Joventino)*

A condição de retorno ao estudo, condição atual, remete mais uma vez ao mundo do trabalho, às demandas exigidas pela necessidade de sobreviver, mas também às demandas do local de trabalho, decorrente da necessidade de manutenção do emprego, ainda desta vez, não propriamente por iniciativa do sujeito.

*“Eu sei ler... pego qualquer livro e leio de uma ponta a outra... escrever é que é difícil, escrevo com letra. Agora está mais fácil estudar, meus dois filhos estão grandes, minha menina está com vinte e um anos e meu menino com doze, já fica sozinho... agora já está mais fácil, saio do serviço, venho pra escola e depois vou pra casa... estou me sentindo uma pessoa num nível mais alto... estou fazendo uma coisa a mais na minha vida, está mudando porque só eu saber que estou estudando já é uma grande coisa.*

*Porque em casa eu estudando e eles estudando já estão me valorizando mais e no serviço só de saber que não sou mais tão analfabeta não vou ter medo de sair procurar e enfrentar outro emprego” (Raimunda).*

Tanto os saberes escolares, como o seu estatuto, provocam um diferencial na qualidade da relação do sujeito consigo mesmo *"estou me sentindo uma pessoa num nível mais alto"*, do sujeito com os seus próximos ( familiares e outros) *"em casa eu estudando e eles estudando já estão me valorizando mais"*, e do sujeito com o meio social urbano *"não sou mais tão analfabeta não vou ter medo de sair procurar e enfrentar outro emprego"*.

*"Depois de adulto eu não preoquei em estudar, eu nunca pensei em sair da roça. Pra que estudo pra ir trabalhar na roça?*

*Mas agora, aqui tem que estudar. A Rose (assistente social da Firma) falou que tem de estudar. Eu já estou bom na leitura e na conta de somar e de menos, multiplicação eu faço um pouco, agora de dividir já é mais difícil" (Joventino).*

A vinda para a cidade provoca um deslocamento: mudam os espaços, as pessoas, o trabalho, e as demandas educativas para ocupação das novas tarefas nos empregos mais recentes.

### **3. Considerações Provisórias**

Bourdieu (1979), analisando a trajetória de desempenho escolar de sujeitos de diferentes classes sociais, sugere a noção de capital cultural como uma hipótese indispensável para dar conta da relação existente entre a distribuição do capital cultural entre as classes e as trajetórias escolares dos sujeitos. A noção de capital cultural implica em uma ruptura com os pressupostos que consideram o desempenho escolar como efeito de "aptidões naturais" ou do "dom" de sujeitos de determinadas classes para os estudos. O autor entende que as estratégias de investimento escolar devem ser pensadas no conjunto das estratégias educativas presentes no sistema de reprodução das diferentes classes e que os investimentos na educação escolar não devem subsumir o conjunto de investimentos educativos determinantes na formação dos sujeitos, tais como, a transmissão doméstica do capital cultural.

Bourdieu compreende o desempenho escolar como fruto da confluência conciliatória do conjunto dos capitais culturais tecidos nos processos de socialização primária e secundária; a aparente “aptidão” ou o “dom” dos sujeitos de determinadas classes para os estudos, são produtos construídos socialmente que implicam em condições concretas, tempo e dedicação pessoal e investimento grupal.

O autor identifica três estados de capital cultural: o estado incorporado, o estado objetivado e o estado institucionalizado. O estado incorporado liga-se ao corpo e pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo até que seja incorporado. Sendo parte dos processos primários de socialização, o trabalho de aquisição é um trabalho do grupo sobre o sujeito e do sujeito sobre si mesmo, onde as relações familiares ocupam um papel fundamental. O capital cultural incorporado é um ter que se torna-se um ser, uma propriedade que se faz corpo e torna-se parte integrante da pessoa, um “habitus” (Bourdieu, 1987:21-22). O estado objetivado do capital cultural *“pode ser objeto de uma apropriação material que pressupõe o capital econômico. Mas o que é transmissível é a propriedade jurídica e não, necessariamente, a apropriação dos elementos que permitem desfrutar os objetos adquiridos...Assim os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital incorporado”* (Bourdieu.1979:5). O estado institucionalizado legitima-se sob a forma de diploma que é um dos modos de neutralizar as propriedades do capital cultural incorporado e objetivado. Bourdieu diz, *“com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador.”* (Bourdieu.1979:6). O diploma institui o capital cultural pela magia da valoração dada pelo coletivo. A competência cultural conferida pelo diploma, ao seu portador, tem uma validade jurídica e coletivamente garantida.

Podemos inferir, juntamente com Bourdieu, que os sujeitos pesquisados trazem um capital cultural incorporado onde as práticas da leitura e escrita se efetivam na vivência familiar, pré-escolar, com a madrastra, a irmã mais velha, o padrinho, a avó. Eles trazem também um capital cultural objetivado na Bíblia, no boleto da fábrica, no jornal, nos livros

dos filhos, na receita, na carta, que pela sua própria natureza se constituem em materiais de leitura e escrita. Porém, eles não passaram pela fronteira mágica da diplomação porque não contaram com investimentos culturais, grupais e individuais, voltados às habilidades e competências escolares.

Quanto ao estudo, este tem um valor em si, atribuído pelos sujeitos. Não se trata apenas do diploma que a escola confere, mas do ato de estar estudando enquanto uma prática que tem valor social –ser respeitado, subir para um nível mais alto-; decorrente desse, tem um valor subjetivo, de auto-valorização.

Nesse sentido podemos dizer que esses sujeitos ao investirem nos estudos retornando tardiamente à escola, levados pelas condições impostas pelas exigências do mundo do trabalho, superam as habilidades e competências herdadas no “projeto de vida” da família. Os pais através das disposições, da maneira de ser, das ações educativas orientadas para a perpetuação do grupo legaram a esses sujeitos um "projeto de vida" onde a escola e os conteúdos escolares não eram peças fundantes.

Retornar tardiamente à escola implica, para esses sujeitos, um avanço, uma superação da herança familiar. Bourdieu (1993), analisando as contradições da herança familiar aponta que a identificação dos filhos com a história de vida das famílias, faz dos filhos sujeitos sem história porque eles acabam por reproduzir as histórias dos pais- roceiro filho de roceiro, metalúrgico filho de metalúrgico.... Os sujeitos pesquisados vêm construindo uma história particular na medida em que não apenas foram capazes de aceitar e herdar, na roça, os projetos de reprodução familiares, como também, ao migrarem para cidade, e retornarem à escola acabam por conferir-lhe um outro sentido e superam a herança, não no sentido de rejeitá-la e sim avançando nos processos educativos.

### Referências Bibliográficas

- ARBACHE, Ana Paula R.B. “A formação de educadores de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica”. In: *CD-Room 22<sup>ª</sup> Reunião anual da Anped*, Caxambu: M.G.,Set/1999.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 4a. edição (197-221).
- BOURDIEU, Pierre, “Les trois états du capital culturel” in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, nov, 1979 (3-6).
- \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. S.P.: Ed. Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Les contradictions de l’heritage” in *La misère du monde*, Paris, Éditions du Seuil, 1993 (711-718).
- CHARTIER, Roger. (org.) “A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier”. In: *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, (229-254).
- CHARTIER, R. “A História hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.7, no.13, 1994 (97-113).
- FÁVERO, O. (et al.). “Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores: a proposta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense”. In: *CD-Room 22<sup>ª</sup> Reunião anual da Anped*, Caxambu: M.G.,Set/1999.
- PARENTI, Maria Gabriela Façal. “As noções de educação permanente e competência: um diálogo entre os campos educação de pessoas jovens e adultas e trabalho e educação. In: *CD-Room 22<sup>ª</sup> Reunião anual da Anped*, Caxambu: M.G.,Set/1999.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "História, História Oral e Arquivos na visão de uma socióloga" in FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História oral e multidisciplinaridade*. R.J.: Diadorim Editora Ltda., 1994, (101-116).